

FESTA E FESTANÇA SEM FESTIVIDADE.
ASPECTOS DIACRÓNICOS DA SUFIXAÇÃO
EM PORTUGUÊS

Maria do Céu Caetano
Maria Teresa Brocardo

Como se terá já depreendido do título da nossa comunicação, o tema destes encontros foi por nós tomado literalmente, no sentido em que se centra na estrutura morfológica da(s) palavra(s), ou seja, toma a forma linguística como pretexto para uma apresentação que incidirá sobre aspectos relativos ao processo derivacional de sufixação.

De um modo geral, tem sido desigual o espaço reservado à morfologia derivacional nos estudos de linguística teórica, e foi sobretudo a partir de Chomsky (1970), com a chamada Hipótese Lexicalista, que se assistiu a um renovar do interesse pelo estudo da formação de palavras (Aronoff 1976, Scalise [1983] 1986², etc., para mencionar apenas alguns dos nomes mais conhecidos na área), de algum modo contrariando a ideia de que os processos derivacionais teriam um carácter menos sistemático que os processos relativos à flexão e por isso se prestariam menos à formulação de generalizações que permitiriam o desejado enquadramento em hipóteses teóricas explicativas.

Na sequência dos desenvolvimentos de abordagens de cariz teórico sobre os processo de formação de palavras, o português europeu contemporâneo foi já objecto de um razoável número de estudos recentes (como, por exemplo, Rio-Torto 1993 e 1998, Villalva [1994] 2000 e Correia 1999), mas os trabalhos sobre morfologia em fases passadas da língua portuguesa e também as abordagens propriamente diacrónicas, isto é, que tomam como

objecto as mudanças linguísticas, têm privilegiado claramente a morfologia flexional (situação que encontrará decerto paralelo em outras línguas).

De facto, percorrendo algumas obras de carácter abrangente sobre a história da língua portuguesa, facilmente se verificará que, dentro dos aspectos morfológicos referidos, a morfologia derivacional ocupa invariavelmente um espaço muito reduzido, claramente inferior ao reservado a aspectos relativos à flexão.

Não cabe aqui discutir demoradamente as razões que estarão na origem desta aparente secundarização da morfologia derivacional diacrónica, relacionadas com vários factores interdependentes, como a maior dispersão dos dados relevantes e as próprias características dos processos derivacionais, supostamente “irregulares”, como já foi referido, por oposição aos flexionais (o que por sua vez se poderá associar a algumas concepções de “morfologia” subjacentes ao discurso dos estudiosos, que remetem para o “léxico” o estudo da derivação). Estes aspectos reflectem-se de forma particularmente sensível nos resultados dos estudos de carácter histórico, dificultando a obtenção de contrastes diacrónicos evidentes comparáveis àqueles a que se tem chegado a partir da análise de traços relativos a características associadas à flexão, e que têm permitido inclusivamente estabelecer periodizações baseadas nesses traços.

No entanto, alguns estudiosos descreveram já aspectos da morfologia derivacional do português numa perspectiva diacrónica e dentro destes ocupam um lugar de grande importância os autores de gramáticas históricas, com base nas quais foi recentemente apresentado um trabalho de investigação sobre sufixação (Caetano 2003).

Na verdade, quando analisamos dados relativos a fases passadas do português, pode constatar-se que um dos contrastes evidentes em relação ao estado actual da língua consiste na ocorrência de formas com diferentes sufixos, ou seja, o contraste diacrónico diz respeito à estrutura interna das palavras, relacionando-se, nomeadamente, com questões de produtividade desses sufixos. Um dos aspectos a considerar, portanto, na abordagem da história do português será a variação diacrónica a que estão sujeitos os processos morfológicos de formação de palavras, em função de diferenças observadas em termos da sua produtividade (ou disponibilidade).

A apresentação que propomos incidirá sobre este aspecto, mais especificamente num estudo dos “pares” sufixais *-ncia* / *-nça* e *-idade* / *-dade*, tendo como base a oposição tradicional (recorrente, por exemplo, nas descrições das Gramáticas Históricas do Português (GHP)) “erudito” / “popular”, um tipo de oposição, portanto, que tem por base uma caracterização diacró-

nica, visto que pretende traduzir a definição dos diferentes percursos históricos das formas linguísticas.

Confrontaremos os dados históricos, recolhidos quer em GHP, quer em fontes primárias (textos em prosa dos séculos XIII, XIV e XV) e recorrendo ainda às informações pertinentes fornecidas pelos Dicionários, nomeadamente no que respeita à etimologia e à datação das primeiras atestações.

Nesta comunicação procuraremos demonstrar que algumas palavras que do ponto de vista sincrónico podem ser analisadas morfologicamente como palavras complexas transparentes (por exemplo, *festividade*) não foram formadas em português, aspecto que obriga a reequacionar o estatuto de derivado sufixal e de sufixo. Por outro lado, procuraremos também evidenciar que pares sufixais, como *-ncia* / *-nça*, rotulados pelos gramáticos históricos como sufixo “erudito” e sua contraparte sufixal “popular”, são de facto sufixos alternantes, apesar de algumas palavras em *-nça* (cf. *festança*) escaparem a esta generalização, o que não acontece com *-dade* / *-idade*.

A importância dada nas GHP a aspectos relativos à etimologia, e que decorre, quer da abordagem seguida – diacrónica por definição – quer da metodologia preferencialmente usada – o confronto do português com o latim – poderia levar, em princípio, a uma delimitação clara dos elementos sufixais latinos e portugueses, bem como dos derivados em que participam. Mas a análise do “par” sufixal *-dade* / *-idade* que apresentaremos em seguida permitiu-nos verificar que nessas e noutras obras é frequente a indistinção ou mesmo a confusão entre sufixo e terminação, entre sufixos latinos que continuaram a ocorrer em formas portuguesas e sufixos produtivos já nesta língua e, conseqüentemente, entre derivado e forma herdada ou tomada de empréstimo a outra língua.

Tal como o latino “*-itātem*, acusativo de *-itās -itātis*” (cf. Cunha [1982] 1987²), *-idade* em português forma inúmeros derivados¹, soldando-se a bases predominantemente adjectivais para formar derivados nominais abstractos e indicando a ‘qualidade’.

Muitos adjectivos aos quais *-idade* se junta para formar derivados nominais, são, por sua vez, bases derivadas, como em² *criminalidade* 11, *dilatabilidade* 1, *estudiosidade* 2, *falibilidade* 11, *fusibilidade* 1, *generosida-*

¹ Basílio (1986: 39) considera que “*-idade* é de grande produtividade na língua formal. A maioria absoluta das formações é regular (...), tanto em termos fonológicos quanto em termos sintático-semânticos.” Sobre a caracterização e a forte disponibilidade de *-idade* no português contemporâneo, cf. ainda, por exemplo, Caetano (1994: 107-120).

² Os números que se seguem aos exemplos remetem para as GHP de onde foram retirados (cf. Nota 9).

de 9, *grandiosidade* 7, *impenetrabilidade* 1, *impressionabilidade* 1, *operosidade* 7, *parcialidade* 11, *pontualidade* 11, *probabilidade* 11, em que *-idade* se junta a bases em que ocorrem os sufixos *-al*, *-vel* e *-oso*. Este aspecto é tido por Piel (1940: 220) como uma das causas da “fertilidade” do sufixo, ou seja, isso “deve-se à circunstância de êle se ligar não só a adjectivos simples, mas também derivados”. Todavia, *-idade* bloqueia a acção de outros sufixos, não admitindo derivações posteriores, não participando, portanto, da recursividade sufixal.

Alguns gramáticos históricos (cf., por exemplo, Silva Jr. e Lameira Andrade [1887] 1913⁴: 344 e Pereira [1916] 1935⁹: 210-211) observaram que *-idade* concorre com outros sufixos, nomeadamente *-nça*, *-eza* e *-idão* (por exemplo, *seguridade* / *segurança*, *puridade* / *pureza*, *claridade* / *clareza*, *imensidade* / *imensidão*, *pouquidade* / *pouquidão*). Partindo das formas que segundo os gramáticos se “opõem” a outras em *-idade*, quisemos verificar até que ponto elas estabelecem ou não um paralelo do ponto de vista semântico e em que medida umas suplantaram as outras. Assim, observámos que:

– *cegueira* 4, *mansidão* 4 [+lat] e *solidão* 4 [+lat] se sobrepuseram aos aparentemente sinónimos *ceguidade*, *mansidade* e *soledade* [+lat];

– *claridade* [+lat] e *clareza* têm significados que não se recobrem na totalidade (*claridade* designa sobretudo o efeito da luz, enquanto *clareza* tem um significado mais abstracto), *imensidão* e *imensidade* [+lat] são praticamente sinónimos, mas parece-nos que o segundo é mais abrangente, o mesmo se passando nos pares *pouquidade* e *pouquidão*, *puridade* [+lat] e *pureza* e *seguridade* [+lat] e *segurança*. No entanto, os contrastes entre estas palavras decorrem também de diferenças diacrónicas. Observa-se, pois, que as formas em *-idade* designam a ‘qualidade’, enquanto a maioria dos derivados formados a partir da mesma base com outros sufixos, para além de designarem a ‘qualidade’, se polissemizaram, adquirindo outras acepções.

Nos exemplos recolhidos nos textos que serviram para controle dos dados, todos os derivados formados em português, desde o século XIII (por exemplo, *claridade* / *clarydade*), passando pelos séculos XIV (por exemplo, *moçidade* / *mocidade*) e XV (por exemplo, *afabilidade*), terminam em *-idade*, ocorrendo *-dade* unicamente nas formas [+lat]³. Logo, quer os dados extraídos das gramáticas históricas, quer estes últimos, apontam para que o sufixo, em português, seja *-idade*.

³ Isto não significa, como já referimos e como já havia sido apontado por alguns gramáticos, que algumas formas herdadas do latim não exibam igualmente *-idade* (cf., por exemplo, XIII lat. *castidade*; XV lat. *levidade*, etc.).

Contrariamente às descrições que encontramos nas Gramáticas do Português, históricas e outras, onde a forma do sufixo é *-dade*⁴, sendo *-idade* mera variante, e às indicações fornecidas pelos Dicionários, etimológicos e de língua corrente, consideramos que *-dade* e *-idade* não são sufixos alternantes, uma vez que o conceito de alternância acarreta em si dois pressupostos básicos: que as formas tidas como alternantes partilhem algum elemento formal; que formas estruturalmente diferentes possam ser identificadas como estando relacionadas devido a similaridades na forma e no significado⁵. A estes pressupostos podemos acrescentar um outro: para que dois ou mais elementos sejam alternantes, eles devem pertencer ao mesmo sistema. A razão por que achamos preferível esta definição está relacionada com o diferente estatuto que, segundo achamos, devemos conceder aos sufixos latinos que na sua passagem para o português continuaram disponíveis para formar novas palavras, por oposição aos que só ocorrem em palavras herdadas. Na nossa opinião, não estamos, neste último caso, em presença de um sufixo mas antes de uma terminação latina que sofreu adaptações ao integrar-se no português, como é o caso da terminação *-dade*.

Na verdade, em função dos dados de que dispomos, pensamos que nem mesmo a adopção de uma “perspectiva etimológica” autoriza que se aponte *-dade* como a forma básica do sufixo, pois ela é desde o início da formação do português *-idade*.

No português actual verifica-se que mesmo em contextos onde seria previsível a forma *-dade*, por exemplo quando antes do sufixo ocorre uma nasal⁶, é o sufixo *-idade* que está presente, como se pode observar nos derivados recentemente formados *africanidade* e *sicilianidade*, de *africano* e *siciliano* (cf. *leviandade* XIII, de *leviano*), o que vem reforçar a indisponibilidade de qualquer uma das variantes de *-idade*.

Os vocábulos em *-dade* geralmente apontados como sendo formados em português foram herdados no seu todo mantendo a sua estrutura latina. Se há ou não razão para classificar alguns desses vocábulos como derivados – aqueles que são transparentes do ponto de vista formal e semântico – depen-

⁴ Para além dos gramáticos históricos, muitos outros autores indicam a forma do sufixo como sendo *-dade* (cf., por exemplo, Cunha e Cintra 1984²: 97).

⁵ Em Saporta (1959: 27-28), os principais critérios utilizados para classificar os alternantes (para o autor, dois morfemas que representam o mesmo morfema) são similaridade fonémica, similaridade semântica e distribuição complementar.

⁶ Segundo Rio-Torto (1998: 38), “*-dade* ocorreria em casos bem circunscritos, histórica e fonologicamente demarcados, cujas bases terminam em /L/ (*igualdade*, *lealdade*, *maldade*), /N/ (*bondade*, *ruindade*) e /R/ (*liberdade*)”.

de da perspectiva seguida: o morfólogo sincronicista talvez não tenha muitas hesitações, na medida em que as informações etimológicas só são consideradas em casos muito específicos; por outro lado, o morfólogo, que nas suas análises valorize a importância dos dados históricos e que reconheça a importância da etimologia dos vocábulos, não poderá deixar de ressaltar que eles foram gerados noutro sistema derivacional.

O que afirmámos a propósito dos sufixos e das terminações latinas tem obviamente implicações na análise dos derivados: como se pode verificar através dos exemplos (cf. Anexo) muitos vocábulos em *-idade* são formas [+latinas] e outros são empréstimos que sofreram uma mera adaptação ao darem entrada no português. Todavia, nos casos em que temos formas em *-idade* não geradas em português, mas que apresentam transparência formal e semântica, como *festividade* (supostamente formada a partir do adjetivo em *-ivo*) talvez não seja completamente desadequado analisá-los sincronicamente como palavras complexas, ainda que tenhamos de nos socorrer do artifício que constitui a utilização do traço [+latino].

O conceito de alternância sufixal fica, assim, reservado para quando existe efectivamente uma alternância formal de elementos sufixais, i.e., quando temos elementos etimologicamente relacionados que têm uma estrutura diferente, que participam ambos em relações derivativas, ou seja, em que tanto um como o outro dão ou deram origem a derivados em português, seleccionando o mesmo tipo de bases, gerando produtos derivacionais pertencentes à mesma categoria sintáctica e transmitindo um semanticismo idêntico às bases a que se soldam, como no caso de *-ncia* / *-nça*.

Para os gramáticos históricos (cf., por exemplo, José J. Nunes [1919] 1989⁹: 369), o sufixo latino *-ntia* é o resultado da junção do sufixo *-ia* às terminações dos participípios de presente (*-ans*, *-āntis* e *-(i)ens*, *-(i)ēntis*), sufixo latino que viria a dar origem a *-ncia* e *-nça* em português, sendo o primeiro a forma “erudita” do sufixo latino e o segundo a forma “popular”.

Com base nestes pressupostos, procurámos analisar a alternância *-ncia* / *-nça* e verificar se *-nça* é ou não um alomorfe de *-ncia*, como defendem, por exemplo, Lacuesta e Gisbert (1999: 4580), ou se são sufixos diferentes, pois apesar de ambos se soldarem a temas verbais, *-nça* pode aparentemente seleccionar nomes para formar outros nomes que não são nem nomes de acção nem nomes de qualidade, mas antes, como assinala Piel (1940: 232-233), nomes com “um significado colectivo (que facilmente se combina com o abstracto), e aumentativo, com um ligeiro sabor depreciativo ou familiar: cf. *festança* «festa ruidosa; grande divertimento», *molhança* «grande porção de mólho», *papança* fam. «aquilo que se come, comezaina», *mes-*

trança pop. «conjunto dos indivíduos mais graduados»“, depreendendo-se das palavras do autor que só nestes casos o sufixo manifesta a sua disponibilidade para formar novos derivados.

Nos exemplos que analisámos, os sufixos *-ncia* e *-nça* juntam-se desde o século XIII (cf. exemplos retirados dos textos), a temas verbais para formarem nomes e designam ‘Acção ou resultado da acção’ e ‘Estado’.

Enquanto *-ncia* só ocorre praticamente em latinismos, alguns deles introduzidos tardiamente⁷ e sem verbo correspondente em português ou em alguns empréstimos, *-nça* ocorre simultaneamente em vocábulos formados em português e em formas [+lat]⁸.

Confrontando derivados em *-nça* retirados dos textos dos séculos XIII, XIV e XV com derivados formados com outros sufixos, a partir da mesma base, com formas regressivas e com formas [+lat], pode verificar-se que alguns deles caíram em desuso (os assinalados com †) em tempos já recuados:

- a) *-nça* / *-mento*: XIII †*demonstrança* / †*demonstramento* XIII; XIV †*ensinança[s]* / †*insinança[s]* / *ensinamento* XIII; XIV †*estremança* / †*estremamento* XV; XIV *mudança[s]* / †*mudamento* XIII; XIII †*perdoança[s]* / †*perdoamento* XV;
- b) *-nça* / *-ção*: XIII †*demonstrança* / *demonstração* XIV; XIV †*estremança* / †*estremação* XIII; XIII †*perdoança[s]* / †*perdoação* XIV;
- c) *-nça* / *-eza*: XV †*igualanças* / †*igualdança* / †*igualdeza* XIII;
- d) *-nça* / formas regressivas: XV †*desvairanças* / *desvairo* XIII; XIV †*ensinança[s]* / †*insinança[s]* / *ensino* XIV;
- e) *-nça* / formas [+lat]: XIII †*perdoança[s]* / lat. *perdão* XIII; XV †*igualanças* / †*igualdança* / lat. *igualdade* XIII;

Como podemos verificar, é evidente a perda de produtividade do sufixo *-nça*, que modernamente não parece estar disponível para formar nomes a partir de temas verbais, o mesmo acontecendo com *-ncia*.

A fraca ocorrência de *-nça*, em formas do tipo *festança*, quer com acepção colectiva, quer aumentativa e sobretudo pejorativa, não nos permite assegurar a existência de dois sufixos *-nça* em português, embora subsistam

⁷ Sobre a origem tardia destas formas, cf., por exemplo, Paz (1995).

⁸ Apesar de as formas [+lat] não merecerem um tratamento desenvolvido, não queremos deixar de apontar que a maior parte dos latinismos em *-ncia* fornecidos pelos gramáticos têm um adjectivo correspondente em *-nte*, sendo igualmente estes, na sua maioria, [+lat] (exs.: *abstinencia* 1 (lat.) / *abstinente* (lat.); *ambulancia* 1 (lat.) / *ambulante* (lat.); *consciencia* 8 (lat.) / *consciente* (lat.); etc.).

dúvidas sobre a disponibilidade do sufixo formador de nomes denominais no português actual.

Este breve estudo de *-idade* / *-dade* e *-ncia* / *-nça*, terá, esperamos, servido de exemplo de diferentes possibilidades de caracterização diacrónica dos processos morfológicos de formação de palavras:

Em resumo, no primeiro caso as formas não são alternantes: só *-idade* tem o estatuto de sufixo, sendo já produtivo em latim e tendo conservado essa produtividade até hoje; no segundo caso, ambas as formas sufixais correspondem a sufixos alternantes, na medida em que ambos deram origem a nomes deverbais em português (excluindo, portanto, formações do tipo *festança*), caracterizando-se, contudo, pela sua perda de disponibilidade.

Referências Bibliográficas:

- ACADEMIA das CIÊNCIAS de LISBOA (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Verbo
- ARONOFF, Mark (1976) *Word Formation in Generative Grammar*, Cambridge (Massachusetts), MIT Press
- BASÍLIO, Margarida (1986) “A função semântica na substantivação de adjetivos (morfologia, lexicologia, semântica)”, *D.E.L.T.A.*, vol. 2, n.º 1, São Paulo, PUC, pp. 37-55
- CAETANO, Maria do Céu (1994) *A Derivação Sufixal no Português Contemporâneo: análise de alguns sufixos mais produtivos*, diss. Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
- CAETANO, Maria do Céu (2003) *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*, diss. de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
- CHOMSKY, Noam (1970) “Remarks on Nominalizations”, in JACOBS R. and ROSENBAUM P. S. (eds.), *Readings in English Transformational Grammar*, Waltham, Massachusetts, Ginn and Company
- COROMINAS, Joan e José A. Pascual (1980-1991) *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, 6 vols., Madrid, Gredos [= Corominas]
- CORREIA, Margarita (1999) *A Denominação das Qualidades: contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*, diss. de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa
- COSTA, J. Almeida e A. Sampaio e MELO (1998⁸) *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora [= PE], 1.^a ed. s.d.
- CUNHA, Antônio Geraldo da ([1982], 1987²) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira [= Cunha]
- CUNHA, Celso e L. F. Lindley CINTRA ([1984] 1989⁶) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa

- FERREIRA, Aurélio B. ([1975] 1999³) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. O Aurélio Século XXI*, São Paulo, Editora Nova Fronteira (coordenação e edição de Margarida dos Anjos e Marina B. Ferreira) [= Aurélio]
- HOUAISS, Antônio e Mauro de Salles VILLAR (2002) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores (ed. portuguesa)
- LACUESTA, Ramón S. e Eugenio de B. GISBERT (1999) “La Derivación Nominal”, in BOSQUE, Ignacio e Violeta DEMONTE (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. III (*Entre la oración y el discurso / Morfología*), Madrid, Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, pp. 4505-4594
- MACHADO, José Pedro ([1952-1959] 1977³) (ed. revista) (reimpr. 1995) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols., Lisboa, Livros Horizonte [= Machado]
- NASCENTES, Antenor (1932) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Alves
- PAZ, Ramón Mariño (1995) “Consideracións sobre a historia dos sufixos *-ancia / -anza, -encia / -enza, -icia / -iza, -icio / -izo* e das terminacións *-cia / -za* e *-cio / -zo* do galego”, *Verba*, vol. 22, pp. 157-189
- PIEL, Joseph M. ([1940] 1989) “A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português” in *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 201-212 (publicado pela primeira vez em *Boletim de Filologia*, 7, pp. 1-17)
- RIO-TORTO, Graça Maria (1993) *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*, diss. de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998) *Morfologia Derivacional. Teoria e aplicação ao português*, Porto, Porto Editora
- SAPORTA, Sol (1959) “Morpheme Alternants in Spanish” in KAHANE, Henry R. e Angelina PIETRANGELI (eds.) *Structural Studies on Spanish Themes*, Acta Salmanticensia (Filosofía y Letras), Salamanca, tomo XII, n.º 3, pp. 15-162
- SCALISE, Sergio ([1983] 1986²) *Generative morphology*, Dordrecht, Foris Publications
- VILLALVA, Alina (2000) *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / FCT (publ. da diss. de Doutoramento apresentada em 1994 à Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa)

Gramáticas Históricas do Português⁹:

- [11]ALI, Manuel Said ([1931] 1964³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramentos

⁹ A numeração que antecede as obras está de acordo com a data de publicação da primeira edição.

- [1]BRAGA, Teophilo (1876) *Grammatica Portugueza Elementar* (Fundada sobre o methodo historico-comparativo), Porto, Livraria Portugueza e Estrangeira
- [18]CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1975) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão
- [16]COUTINHO, Ismael de Lima (1938) *Pontos de Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional
- [10]HORTA, Brandt ([1930?] s.d.³) *Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editores J. R. de Oliveira
- [12]HUBER, Joseph ([1933] 1986) *Gramática do Português Antigo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (trad. port. de Maria Manuela Delille, do original al. *Altportugiesisches Elementarbuch*), Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung)
- [13]MARTINS, Jaime de Sousa ([s.d.] 1937²) *Elementos de Gramática Histórica* (para a Quarta Série), São Paulo, Companhia Editora Nacional
- [8]MOTA, Othoniel ([1916] 1937⁸) *O meu idioma* (obra destinada ao 4.º Anno do Gymnasio), São Paulo, Companhia Editora Nacional
- [9]NUNES, José Joaquim ([1919] 1989⁹) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Clássica Editora
- [7]PEREIRA, Eduardo Carlos ([1916] 1935⁹) *Gramática Histórica* (obra aprovada e adaptada pela Congregação do gymnasio official de São Paulo), São Paulo, Companhia Editora Nacional
- [2]REINHARDSTOETTNER, Carl von (1878) *Grammatik der Portugiesischen Sprache*, Strassburg, Karl J. Trübner
- [14]SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins ([1938a] 1959³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular
- [15]SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins (1938b) *Gramática de português*, Lisboa, Livraria Popular
- [3]SILVA JR., Manuel Pacheco da (1878) *Grammatica Historica da Lingua Portugueza* (Compendiada para uso dos alumnos do 7.º anno do imperial Collegio de Pedro II, das escolas normaes e de todos os que estudam o idioma nacional), Rio de Janeiro, Typ. A Vapor de D. M. Hazlett
- [4]SILVA JR., Manuel Pacheco da e Lameira de ANDRADE ([1887] 1913⁴) *Grammatica da Lingua Portugueza*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves
- [5]VASCONCELLOS, António Garcia Ribeiro (1900) *Gramática Histórica da Língua Portuguêsa* (VI e VII Classes do Curso dos Lyceus), Paris/Lisboa, Aillaud/Alves; Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, Francisco Alves.
- [17]VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de ([1946] s.d.) *Lições de Filologia Portuguesa – segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911-1912 e de 1912-1913 (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico)*, Lisboa, Edição da Revista de Portugal / Dinalivro
- [6]VASCONCELLOS, José Leite de ([1911] 1959³) *Lições de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal

Anexo

I. Derivados em -idade formados em português¹⁰

1.1. Adj. + -idade → N [+Abstracto]

‘Qualidade’

asnidade 2; *ceguidade* 1; *criminalidade* 11; *dilatabilidade* 1; *estudiosidade* 2; *falibilidade* 11; *fusibilidade* 1; *grandiosidade* 7; *leviandade* 2¹¹; *impenetrabilidade* 1; *impressionabilidade* 1; *mansidade* 1; *operosidade* 7; *parcialidade* 11; *pontualidade* 11; *porquidade* 2; *seriedade* 18¹²

séc. XIII: *claridade* / *clarydade*, *novidade* / *noujdades*

séc. XIV: *benignidade*; *çeguydade*; *contrariedade*[s] / *contrariade* / *comtrariade*; *mocidade* / *moçidade*; *ociosidade*; *suidade* / *çugidade*

séc. XV: *afabilidade*; *aversidade*[s]; *familiaridade*[s]; *fragosydade*; *fumusydades*; *sagidade*; *spiritualidade*

¹⁰ Aos exemplos retirados das gramáticas seguem-se os exemplos extraídos dos textos utilizados para controlo, antecédidos da data (ano ou século) da primeira atestação.

Os textos consultados foram os seguintes: *Testamento de Afonso II* in Costa, Pe. A. J. (1979); *Notícia de Torto* in Cintra (1990); *Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III* in Duarte, Luiz F. (1986); *Foros de Garvão* in Garvão, M.^a Helena (1992); *História do Galego-Português* in Maia, Clarinda A. (1986), documentos das Províncias de Douro Litoral e Minho (excluímos os 136 documentos que foram produzidos na Galiza – Províncias de La Coruña, Lugo, Orense e Pontevedra); *Clíticos na História do Português – Apêndice Documental (Documentos notariais dos séculos XIII a XIV do Arquivo Nacional da Torre do Tombo)* in Martins, Ana M.^a (1994); *Dos Costumes de Santarém* in Rodrigues, M.^a Celeste (1992); *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Gomes Eanes de Zurara in Brocardo, M.^a Teresa (1994) e *O Leal Conselheiro*, de Dom Duarte in Castro, M.^a Helena (1998).

¹¹ Assumindo que este derivado foi formado em português, a explicação para a ocorrência de -dade e não de -idade passa ou por indicar a queda da vogal inicial do sufixo, pelo facto de o segmento que o precede ser [+nasal], ou, uma vez que se trata do único caso no *corpus*, e sabendo nós que *leviano* é [+lat], avançar para a hipótese de o derivado se ter formado por analogia com formas do tipo de *virgindade* 11 (lat.), solução que nos parece mais plausível.

¹² A variante -edade, resulta, como se sabe, da dissimilação (abaixamento) da vogal inicial do sufixo, dado que a vogal final da base (após truncação do morfema de género) é igual.

1.2. N¹³ + -idade → N [+Abstracto]:

pouquidade 7

2. Formas [+latinas] em (-i)dade)

absurdidade 7; *actividade* 7; *actualidade* 7; *afabilidade* 11; *amabilidade* 5, 11, 15, 17; *amenidade* 18; *amizade* 1, 2; *animalidade* 4; *autoridade* 4, 7; *bondade* 7, 9, 11, 15, 16, 17; *caridade* 7, 12; *castidade* 9; *cidade* 1; *claridade* 7, 9; *crueldade* 7, 11, 18; *debilidade* 11; *divindade* 11; *docilidade* 9, 11; *especialidade* 9; *facilidade* 7, 18; *falsidade* 9, 12; *fealdade* 7; *fidelidade* 11; *fielidade* 11; *fragilidade* 11; *frugalidade* 11; *generosidade* 9; *gentilidade* 11; *onestade*¹⁴ 12; *humildade* 11; *idade* 17; *igualdade* 11; *imensidade* 7; *impunidade* 11; *imunidade* 11; *integridade* 16; *irmandade*¹⁵ 2, 4; *lealdade* 2, 7, 16, 18; *legalidade* 11; *liberalidade* 11; *liberdade* 9; *maternidade* 4; *maldade* 7, 9, 11, 12, 15; *meadade* 12 / *meatade* 12 / *meetade* 12 / *meiidade* 12; *mortalidade* 9; *morteydade* 2; *orfandade*¹⁶ 11, 15; *piedade* 17; *possibilidade* 11; *probabilidade* 11; *pureza* 7; *realidade* 11; *seguridade* 7; *sensibilidade* 1, 17; *sobriedade* 18; *sociedade* 4, 9; *soledade* 1; *solubilidade* 11; *tempestade* 1; *trindade* 11; *unidade* 11; *vaidade* 17; *velleidade* 2; *verdade* 9, 12, 16; *virgindade* 11; *vitalidade* 7, 17; *vivacidade* 17; *voontade* 12

séc. XIII: *autoridade* / *outoridade* / *ouctoridade*; *bondade*[s] / *bomdade*(s) / *bôdade*; *caridade*; *castidade*; *catiuidade*; *comunidades* / *comũidades* / *comunidade*; *cristaydade* / *cristamdade*; *cruellidade* / *crueldade*; *denydades* / *dinydade* / *dignidades*; *enfirmidade* / *enf(ir)midade* / *emfirmidade*[s] / *ymfirmidade* / *enfermidade*[s] / *infirmitade*[s]; *falsidade* / *falsidades*; *fialdade*¹⁷ / *fialidade*; *g(er)meyade* / *g(er)meydade* / *g(er)meydad(e)*;

¹³ Tal como nota Basílio (1986: 43), regra geral, -idade solda-se a bases adjectivas, mas isso nem sempre se verifica, como se pode observar nalguns exemplos fornecidos por esta autora: “*declividade*, de *declive*; *brasilidade*, de *Brasil*; *saciedade*, de *saciar-se*”.

¹⁴ Na indicação do exemplo, Huber ([1933] 1986: 274) classifica-o como latinismo. Em Machado ([1952] 1977³) *honestidade* é também [+lat], ao passo que em Cunha ([1982] 1987²) se aponta para que *honestidade* seja formado de *honest(o)* + -(i)dade.

¹⁵ Em Cunha ([1982] 1987²) e em Machado ([1952] 1977³) de *irmão*, mas em PE e em Aurélio (1999³) do lat..

¹⁶ Em Aurélio (1999³) é [+lat], mas em Machado ([1952] 1977³), por exemplo, de *órfão*.

¹⁷ O m.q. *fidelidade*.

honestidad(e) / onestidade / honestidade; humanydade; humilldade / humildade; lealdade / llealdade; maldade[s]; piadade / piedade; p(ro)p(r)iedade / propriedades; puridade[s]; samtidade / samtydade; u(er)dade; virgindade / virgiindade

*séc. XIV: diversidade; escurydade; fealdade; frialldade / frieldade; sensua-
lidade; solenidade*

séc. XV: extermidades; infedelidade / infieldade; insensibilidade; levidade; liberallydade; longaminidade; magnaminidade / magnaminydade; particullaridades; proluxidade / prolexidade; pusalamidade; realidade; superfluydade

3. Empréstimos:

beldade (prov.) 2, 7, 11; *culpabilidade* (fr.)¹⁸ 5; *mortandade*¹⁹ 1, 4 (cast.); *ruindade* 2, 9, 15 (cast.)²⁰

XIV *mortymdade / mortyndade* (cast.)

II. Derivados em -nça

1.1. TV + -nça → N:

‘Acção ou resultado da acção’; ‘Estado’

alegrança 12; *andança* 2; *aventurança* 12; *benquerença* 11; *cobrança* 1, 5; *ensinança* 11; *folgança* 9, 11, 12, 16; *igualdança* 11; *lembrança* 2, 4, 11; *malquerença* 11; *maridança* 2; *matança* 1, 9, 11, 16; *mudança* 4, 9, 11, 16; *olvidança* 12; *parecença* 9, 11; *perdoança* 11; *segurança* 7; *semelhança* 11, 12; *significança* 11; *vingança* 1, 2, 8;

séc. XIII:

*amdamça / andança[s]; avomdamça*²¹ / *avondança*; *sobre-avondança*; *conhoçêça*; *demonstrança*; *desauêêça*; *folgamça / follgamça / folgança[s]; jazêça*; *ousamça*; *perdoança[s]; querença*; *tardamça / tardança*; *usança / husamça*; *vingamça / vingança[s] / vimgãça*

¹⁸ Em Aurélio (1999³) de *culpável*.

¹⁹ Em Aurélio (1999³) do lat. *mortalitate*.

²⁰ Cf., por exemplo, Machado ([1952] 1977³), “do cast. *ruindad*”.

²¹ Cf. *abundância* XIII, lat..

séc. XIV: *abastamça / abastança; aventurança; concordança; ensinança[s] / insinança[s]; estremaça; fiança; mudança[s]; naçemça / nacença; segurança / segurãça / seguramça; semelhança[s] / semelhamça*

séc. XV: *confiança*²²; *desvairanças; governamça; igualanças / igualdança; lembrança[s] / nembrança[s] / nẽbramça; mostramça / mostrãça / mostrança[s];*
tenemça; trigamça / trigança / trygamça

1. 2. TV + -nça → N:

‘Circunscrição’

XIII *vezinhamça*²³

1.3. Formas [+latinas] em -nça:

avença 1; *conhecença* 9, 11; *convalescença* 4; *convença* 11; *creença* 9; *crença* 1, 2, 4, 8, 9; *criança* 11; *detença* 4, 9, 16; *diferença* 8, 11; *doença* 2, 4, 8, 11; *esperança* 2, 4, 8, 11; *esquença* 2; *gaança*²⁴ 12; *herança* 11; *licença* 11; *nascença* 1, 5, 11, 16; *peendença* 11; *perseverança* 2; 11; *presença* 11; *sabença* 2; *sentença* 11; *temperança* 2, 11; *tença* 11

séc. XIII: *auẽẽça / auéénça / áuéénça / auéénças / avemça; cõtenença / cõtenemças / comtenemça[s] / comtynemça / contenença[s] / continencia; cremça / creença[s]*

*detemça; esperamça / sperança / esperança / esperãça; fememça*²⁵ / *femença; guaança*²⁶ / *gaança; h(er)anças / eranças / heramça / herança; ouẽẽças*²⁷ / *oueença; pendemça*²⁸ / *peendença; pitãça*²⁹; *reu(er)ença / reuerẽça / reuerença / reverença[s]*

²² Em Cunha ([1982] 1987²), XVI.

²³ Por metonímia, também ‘estado de ser vizinho’. Em Piel (1940: 232) e em PE, de *vizinho*. Cf., no entanto, em *Zurara*, “Os mouros daquela parte d’Africa que vezinham com ha çidade de Çepta tem em costume chamar aos seus caudeis velhos”.

²⁴ O m.q. *ganância* XVI (pelo cast., do lat.).

²⁵ Em Machado ([1952] 1977³), XIII, lat. *věheměntīa*, «entusiasmo, calor, veemência de orador; força, intensidade (de cheiro, de sabor)».

²⁶ O m.q. *ganância* XVI (pelo cast., do lat.).

²⁷ Em PE, “*ovença* s.f. ‘encargo da mesa e comedorias entre os cônegos regrantes (De etim. obsc.)’ e, em Machado ([1952] 1977³), *auenença* é o m.q. *avença*, lat..

²⁸ O m.q. *penitência*.

²⁹ Em Cunha ([1982] 1987²), “ração diária; esmola de missa”.

séc. XIV: *deferemça* / *deferença[s]* / *diferemça*; *ordenamça[s]* / *ordenança* / *hordenamça* / *ordenãça*; *pestenemça*³⁰ / *pestenẽça* / *pestelença* / *pestenença*; *perseverança*; *temperamça* / *temperança*

séc. XV: *prestamça*³¹; *proveença[s]*³²

1. 3. Empréstimos:

bonança 2, 7, 11 (cast.); *confiança* 11 (fr.); *estança* 2 (it.); *fiança* 2, 11 (fr.); *governança* 11 (fr. a.); *mercancia* 7 (do it., pelo cast.)

séc. XIV: *liamça*³³ / *liança*

³⁰ O m.q. *pestilência* XIV, lat..

³¹ O m.q. *prestância* XVI, lat..

³² O m.q. *providência* XIV, lat..

³³ Em Cunha ([1982] 1987²), o m.q. *aliança* (provavelmente do fr., assim como *aliar* XVI).